

OS ESPAÇOS DIASPÓRICOS E A IDENTIDADE HIBRIDIZADA EM *UM DEFEITO DE COR* E *COMPAIXÃO*

Soraya do Lago Albuquerque¹

Resumo: Pretende-se, com este estudo, investigar os reflexos decorrentes da diáspora e dos processos de hibridização que fazem com que se construam como um mosaico as identidades fragmentadas de Florens, Lina e Sorrow, protagonistas do romance de Toni Morrison, *Compaixão* (2009), e de Kehinde, protagonista de *Um defeito de cor* (2006) de Ana Maria Gonçalves. As duas escritoras apresentam traços em suas obras que acreditamos serem reflexos dos deslocamentos forçados dos negros escravizados. Através de um ir e vir em suas memórias, essas personagens hibridizadas vão nos dando pistas de que há uma tentativa de busca pelas origens da ancestralidade africana. Essa busca transita pelos romances africanos, assim como pelos afrodescendentes, revisitando as tradições culturais. Adotaremos para esta análise os estudos feitos por Bhabha (2003), Leite (2003), Chaves (2005), Hall (2000), Clifford (1994), Walter (2009), Spivak (2010), Candido (2004), entre outros.

Palavras-chave: Diáspora. Hibridização. Identidade

THE DIASPORIC SPACES AND THE HIBRIDIZED IDENTITY IN *UM DEFEITO DE COR* AND *A MERCY*

Abstract: The intention with this study is to investigate the consequences which arise from the diaspora and the hybridization processes which construct as a mosaic the fragmented identities of Florens, Lina, and Sorrow, protagonists in Toni Morrison's *A mercy* (2009), and Kehinde, protagonist

¹ Doutoranda em Estudos Literários e Mestra em Estudos Literários pela Universidade Federal de Mato Grosso, graduada em Letras- Inglês/Português pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Endereço eletrônico: soraya.albuquerque@hotmail.com.

in Ana Maria Gonçalves's *Um defeito de cor* (2014). The two writers feature in their works what we believe are reflections of Black slaves' forced displacements. By a going back and forth in their memoirs, these hybridized characters give us clues that there is a search attempt for the origins of African ancestry. This quest moves by African novels, as well as by Afro-descendants, keeping a link with cultural traditions. We will use for this analysis the studies made by Bhabha (2003), Leite (2003), Chaves (2005), Hall (2000), Clifford (1994), Walter (2009), Spivak (2010), Candido (2004), entre outros., among others.

Keywords: Diáspora. Hybridization. Identity

Introdução

Iniciamos nossa discussão ressaltando que as obras literárias produzidas a partir do momento da ruptura com o processo de colonização preservam parte dos traços constitutivos das culturas que foram submetidas ao solapamento cultural por parte de seus colonizadores. Essa tentativa de preservação pressupõe uma espécie de enfrentamento das dimensões com que se envolvem as relações de autorreconhecimento entre o sujeito e os grupos sociais e culturais com os quais ele convive e interage e que se mantêm em constante modificação.

A necessidade de se realizar um estudo mais detalhado a respeito de sociedades como os Estados Unidos da América e o Brasil é respaldada pelo fato de que esses países, durante seu período colonial e mesmo após suas independências, receberam contingentes massivos de negros escravizados que, principalmente após a emancipação, anseiam saber mais sobre suas raízes e origens. A escravização geralmente impôs, como sabemos, um apagamento das histórias coleti-

vas e genealogias dos escravizados, restando sobre elas apenas fragmentos contados e recontados muitas vezes na língua que aprenderam no cativeiro.

Escritores e estudiosos das sociedades pós-coloniais muitas vezes exploram a colonização em vários países da África e as consequências da escravização de grandes parcelas de suas populações, trazidas para o continente americano. Esses registros da história vivida por milhares de negros africanos e seus descendentes aparecem em diversas obras pós-coloniais, que mostram e refletem os fatos que estão no periférico, na esfera do subalterno e que se mantêm, assim, em uma condição estereotipada de inferioridade.

Ao escrever que a “literatura não é teoria, é paixão”, Tzvetan Todorov (2010) consegue descrever sinestesticamente tudo o que nela se encontra. A literatura possibilita um mergulho em tudo aquilo que já foi, no que ainda é, possibilitando ao mesmo tempo a descoberta para o que pode vir a ser, o eterno “devir”.

A literatura nos oferece subsídios para que conheçamos a nossa história, assinada por muitos encontros e desencontros próprios da caminhada da humanidade. As representações que vamos encontrando na literatura nos levam a indagações pessoais que deixam no ar dúvidas entre o real e o fictício, tão forte pode ser o envolvimento entre o escritor, a sua obra e o leitor. O que é real para o escritor e para o leitor? Até onde a ficção é de fato apenas ficção?

As obras que trazem representações vivas das minorias, das vozes femininas que se encontram ainda mais na categoria de minorias e que transitam por esse mundo fragmentado e patriarcal, suscitam em nós, leitores, um desejo de ampliar o conhecimento ainda ínfimo que temos a respeito dos processos pelos quais essas culturas e grupos marginalizados e periféricos foram sendo hibridizados e como essa

hibridização é refletida pela memória, elaborada em diversas jornadas diaspóricas.

As escritoras Ana Maria Gonçalves e Toni Morrison escrevem poeticamente sobre duas realidades que respiram todas essas diferenças e refletem em suas personagens tanto os efeitos decorrentes da diáspora quanto do processo de hibridização. *Um defeito de cor* (2006) e *Compaixão* (2008) são obras que conseguem dar vazão aos sentimentos, às memórias e aos fatos vividos pelos negros escravizados que ficaram marcados para sempre como momentos de ruptura, de dor, mas também de superação. O objetivo deste trabalho é demonstrar que as identidades das protagonistas desses dois romances são construídas como um mosaico cuja fragmentação é decorrente do trauma da escravização, do deslocamento forçado e da diáspora.

Um defeito de cor e Compaixão à luz das teorias pós coloniais

A partir daqui, apresentamos algumas discussões que envolvem os termos pós-colonial, diáspora, hibridização, demonstrando como eles estão refletidos nas representações ficcionais feitas por Gonçalves e Morrison.

Os estudos das teorias pós-coloniais apontam vários fatores que desnudam a crueldade e a negação de uma cultura, procedimentos impetrados por dominadores e que se faziam presentes em várias sociedades de formas diferentes, salientando ainda que nem mesmo a liberdade conquistada com a independência poderia apagar o passado e o legado deixado por ele, conforme estabelece Rita Chaves (2005),

A consciência da ruptura aberta pelo colonialismo é clara e ilumina a inevitabilidade da situação que mesmo a independência não pôde solucionar. Diante do panorama que se abre, não há regresso e a sugestão do poeta é só uma: dinamizar o legado,

apropriar-se daquilo que outrora foi instrumento de dominação e foi, seguramente, fonte de angústia. A recuperação integral do passado é inviável (CHAVES, 2005, p. 51).

A crítica de Chaves é crucial ao adotar o termo “inviável” para deixar claro não ser possível negar um passado, já que ele não só existiu como continua “surtindo efeitos” no presente, mas que, no entanto, já não contempla a sua originalidade e totalidade. Chaves ainda alerta que:

Seu esquecimento total se coloca como uma mutilação a deformar a identidade que se pretende como forma de defesa e de integração no mundo. A harmonia — tal como era, ou deveria ser — foi atingida e não podendo ser recuperada, há de ser reinventada com aquilo que o presente oferece. Interferir, descrever, inventar apresentam-se como palavras de ordem nesse processo de revitalização do território possível (CHAVES, 2005, p. 56).

Ao usar os verbos “interferir” e “descrever”, a estudiosa reforça mais uma vez a inviabilidade ao esquecimento e nos coloca frente a alguns questionamentos: como inferir ou descrever o que ainda não se sabe ao certo? Onde estão as respostas para que se possa “inventar” e, assim, revitalizar o que se tem ainda desse território e que foi gananciosamente despojado daquilo que lhe era mais sagrado e peculiar, suas raízes e seus saberes?

Mesmo que toda força política e assimilacionista de exploração e expansão territorial, ainda que violenta e exterminadora, tentasse sobrepor a cultura dominante à outra já existente, tal fato seria impossibilitado, pois não há como resgatar o passado, nem tampouco como negá-lo, pois a negação de um passado é caminho/procedimento para a homogeneização cultural, um silenciamento produzido no choque de culturas a extirpar o incompreensível, o negado, sobrepondo-o.

As histórias que vão sendo contadas e recontadas deixam os rastros de todos que dela participaram e isso lhes garante autonomia e permanência para que, de fato, elas não fiquem abafadas e escondidas nos recônditos da pós-colonialidade.

Destituído de tanta coisa, o africano recupera-se na desalienação, ponto de partida para afirmação de seu mundo, um mundo que já é outro, no qual ele precisa conquistar um lugar. Não seria legítimo nem produtivo falar em pureza de raça, etnia, cultura. A empresa colonial levou muita coisa, mas deixou outras. Trata-se, pois, de aproveitar a herança, conquistar seu uso, tal como se conquistou a bandeira (CHAVES, 2005, p. 53).

A partir da destituição de um mundo conhecido é que o homem, na condição de pós-colonial, vai tentar se reerguer das perdas e se colocar frente às mudanças, não se preocupando apenas com o que existiu, mas com o que será feito com o que restou, com os traços ainda moldados e enraizados nos moldes coloniais, tudo entre os resquícios que não permitem que haja uma negação e uma submissão total ao que está posto. Tais resquícios trazem marcas e traços do que existiu um dia, pois como bem lemos acima, “Não seria legítimo nem produtivo falar em pureza de raça, etnia, cultura. A empresa colonial levou muita coisa, mas deixou outras” (CHAVES, 2005, p. 55).

Maria Fernanda Afonso (2004) também chama a atenção para o fato apontado por Chaves e salienta que:

[...] em África, vive-se uma experiência única do espaço e do tempo, que nada poderá mudar ou fazer esquecer. Na evocação dos crimes da colonização ou da lógica perversa pós-colonial, inscrita numa tradição autóctone que é, por vezes, parcialmente esquecida, cada texto recria o contexto de enunciação. A memória dá a cada escritor um estatuto particular, porque ela testemunha a

desestruturação à qual o colonialismo submeteu a cultura africana (AFONSO, 2004, p. 36).

Ao usar o termo “desestruturação”, Afonso é enfático e pontual ao apontar a forma como se deu o processo de colonização, assim como vários outros autores direcionam seus estudos no intuito de avaliar e mostrar para nós, leitores, que nem tudo que se lê foi de fato tal qual se viveu. Essa experiência foi literalmente única e singular e, com os estudos pós-coloniais, muito tem sido feito a fim de se buscar um maior esclarecimento e compreensão para questões que ainda sabemos ser incompreendidas e avaliadas, tamanha foi a desestruturação e o desmantelamento das culturas que existiam em grande parte do continente africano.

Na reconstrução e/ou na busca infundável de uma identidade própria, a literatura africana de língua portuguesa assume um papel crucial, pois é precursora em relação aos registros entre a oralidade e a escrita, fazendo, assim, uma “enunciação dos legados culturais do outro, que cumulará e se concentrará numa geologia estratificada que atinge a sintaxe, os ritmos híbridos da textualidade oral” (LEITE, 2003, p. 21).

Esse cenário abre os caminhos de uma nova literatura e essa vai apresentando, então, aos leitores “a maleabilidade da língua, a escrita com a oralidade, numa harmonia híbrida, mais ou menos imparável, que os textos literários nos deixam fruir” (LEITE, 2003, p. 21). Essa maleabilidade da língua a que se refere Ana Mafalda Leite (2003), o entrecruzamento da escrita com a oralidade, coexiste e atua paralelamente no âmbito das trocas, das permutas identitárias e, sem dúvida, desponta nos ambientes em que encontramos a diáspora.

James Clifford (1994) suscita algumas questões relevantes a respeito da diáspora, pois indaga: como os discursos inseridos no campo da diáspora representam experiências de

deslocamento, de construção de lares fora do lar? Que experiências eles rejeitam, substituem ou marginalizam?

Questionamentos como esses salientam a complexidade do termo, pois ao mesmo tempo em que ele marca o deslocamento, o novo espaço, sublinha também as diferenças que vão sendo evidenciadas nesse percurso. Dessa forma, o autor ressalta que “as culturas da diáspora, assim, medeiam, em uma tensão vivenciada, as experiências de separação e entrelaçamento, de viver aqui e lembrar/desejar outro lugar” (CLIFFORD, 1994, p. 255, tradução nossa). Avtar Brah (1996) corrobora tal pensamento, apontando alguns aspectos importantes sobre os movimentos de massa. Ela destaca que eles têm ocorrido nas mais diversas direções, por motivos também diversos, tendo aumentado consideravelmente nas últimas décadas.

Para Brah, nem todas as diásporas pressupõem um desejo pelo retorno. Ela afirma que “o conceito de diáspora oferece uma crítica dos discursos de origens fixas, ao mesmo tempo em que leva em conta um desejo pelo lar [*homing desire*] que não é a mesma coisa que o desejo pela terra natal [*homeland*]” (BRAH, 1996, p. 180, tradução nossa). Brah enfatiza ainda os binarismos que marcam a diáspora e complementa que “[...] fronteiras entre inclusão e exclusão, de pertencimento e outridade, de ‘nós’ e ‘eles’ são contestadas” (BRAH, 1996, p. 209, tradução nossa).

Estar em diáspora significa, então, uma busca por um passado que mantinha suas tradições e seus costumes tradicionais, sua identidade estável e pré-estabelecida e que foi alterada, pois pela diáspora sofreu mudanças e permutas que derivaram da hibridização que ocorreu no processo do deslocamento.

Podemos dizer, então, que o resultado é que as identidades e as comunidades que surgem da diáspora jamais serão homogêneas. Elas são fluidas e extremamente fragmen-

tadas, respirando ininterruptamente o ar que paira entre o potencial e a limitação, entre a perda e o ganho, entre a exclusão e a inclusão, entre o desejo do ter e o medo de perder. Dessa forma, afirmamos que aqueles que vivem na diáspora são designados por uma existência baseada na desterritorialização e buscam a sua reterritorialização em uma constante batalha e tensão entre a vida vivida no “aqui” e a memória e o desejo da vida pelo retorno ao “lá”.

Stuart Hall (2000), crítico e pesquisador dos movimentos transculturais e das trocas e permutas ocorridas na diáspora, preocupa-se com essas mudanças que ocorrem em decorrência dos movimentos diaspóricos e afirma que:

[...] o espaço da diáspora é constituído por “lugares onde a lei é quase certamente a lei do sincretismo, do acolhimento de influências, das tradições, da desarticulação e rearticulação, da creoulização”, continua, “a presença do ‘Novo Mundo’ é em si mesmo o início da diáspora, da diversidade, do hibridismo e da diferença. Trata-se de uma realidade e de um espaço diaspóricos caracterizados por um processo complexo de ‘atravessamentos’, de ‘cortes e mesclas’”, cujos elementos culturais não podem ser unificados (HALL, 2000, p. 30-31).

Esses elementos culturais apontados por Hall de fato não podem ser unificados porque permanecem ainda na memória, mesmo que, por várias ocasiões, tenham sido extirpados à força. No entanto, seus rastros, sombras ou mesmo (em algum caso) a recuperação de alguns elementos atesta que eles insistem na possibilidade de afirmar o híbrido, o heterogêneo, o diferente e o dicotômico.

Essa situação de não pertencimento que diferencia o sujeito pós-colonial coloca-o em um espaço fronteiro, no *limen*, e, para Roland Walter (2009), é pelo conceito da diáspora que se pode ter uma crítica aberta

àqueles discursos de origem fixa, no entanto, [ele] leva em conta aqueles que ficaram para trás ou encontraram raízes fixas ou rizomáticas em um lugar ou em entrelugares. A pátria enquanto autêntico lugar de pertença cultural nostalgicamente lembrado é suplementado pelo que Avtar Brah (1996, p. 180) chama de um *desejo por um lar* (que difere de um desejo por uma pátria). Esta distinção é importante no sentido de que nem toda diáspora sustenta uma ideologia de volta, mesmo esta que, no caso da diáspora africana, era impossível. Desta forma, a teorização na/da encruzilhada diaspórica transcultural pode fornecer uma compreensão antiessencialista de formações identitárias e de cidadanias interculturais e transnacionais (WALTER, 2009, p. 45).

Os estudos voltam-se, então, para entender as novas formas e práticas que ocorrem aí, advindas da ruptura e do sentimento e desejo alimentado pela memória, não só por esse desejo nostálgico e sim por um interesse real em recuperar o sentimento de pertença novamente, mesmo sabendo que ele não mais será respaldado pela pátria de origem e sim pelo seu novo lar. Assume-se o entre-lugar como a posição de um lar, em que as lembranças alimentam as memórias e o desejo pelo lá, a pátria, no caso, que fica cada vez mais distante do lar real que deriva dos entrelugares em que as trocas e permutas são contínuas e ininterruptas.

Ainda sob o mesmo viés reflexivo de Hall e de Brah, ressaltamos a afirmação de Homi Bhabha (2003) de que “o objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução” (BHABHA, 2003, p. 111). A questão apontada aqui diz respeito a uma cegueira maior, aquela que foi criada pela barreira da diáspora, pois, devido a

ela, temos o desencontro e as desarticulações do que era antes articulado.

Esses atravessamentos de cortes, mesclas e rupturas foram em grande parte responsáveis pela cegueira do homem colonizado, que, além de ter a sua realidade alterada e atravessada pela interferência do outro, deparou-se também com uma nova condição, a da subordinação alocada na inferioridade, na subalternidade, o que também modificou a sua condição, pois as trocas e as negociações alteraram de fato o que antes era tido como padrão e como comum, dando lugar e espaço para um homem que vive sob a tensão do novo e que sente-se atraído pelo velho. É como se fosse um sonho, porém, nesse sonho, ao acordar, não se depara com a sua realidade, mas sim a do outro, pois houve aí uma inversão e deslocamento propositais que jamais poderão retornar à situação anterior.

As personagens de *Um defeito de cor* de Gonçalves representam um recorte social, refletindo várias situações problemáticas na sociedade brasileira, como, por exemplo, o deslocamento das mulheres de várias regiões periféricas do país ao centro das capitais, as permutas culturais que derivam desse deslocamento, a denúncia da subjugação dessas mulheres que são submetidas à condição subalterna de ser a outra para manter a sua sobrevivência e ainda a desagregação familiar, fatos esses que podemos perfeitamente alocar no terreno arenoso e movediço da diáspora.

Em *Compaixão*, Toni Morrison, escritora afro-americana, vai buscar nas memórias deixadas pela escravização, nos restos encontrados pelos registros, contar a história de muitos negros. Essas histórias vão se apresentando de forma não linear, sendo marcadas pelas memórias das várias personagens que se mostram também fragmentadas e que são, na verdade, a representação de um coletivo que sofreu com a diáspora, com a ruptura e com o desmantelamento familiar e sociocultural.

A autora consegue trazer aos meandros da ficção a questão da raça, da segregação, da insubordinação, da diáspora e da desagregação e impotência frente a essa condição humana. Morrison, assim como Gonçalves, trata de questões fortes, intensas e polêmicas, que envolvem mulheres, homens e crianças, todos sob um mesmo recorte e alocados em um mesmo lugar, o da subalternidade e o da minoria. Essas questões são tratadas e entrelaçadas sob vários motes, o da escravização, o complexo social, a falta de pertencimento que foi desencadeada pelo processo diaspórico, o desprestígio político e racial, o entre-lugar.

Diáspora, hibridização e memórias em *Um defeito de cor* e em *Compaixão*

Nas narrativas dos dois romances em estudo, temos como mote muito mais que apenas lembranças e memórias. Temos registros históricos e socioculturais que não podem ser negados e muito menos escondidos.

Ecoam por todos os lados e espaços as vozes daqueles que não desejam mais se calar. Movimentam-se em todos os espaços mnemônicos fatos que precisam e querem ser revisitados e que não serão jamais abafados ou apagados, mesmo estando ainda em lugar de contemplação e de lembranças. Sustentamos o nosso argumento com o aporte teórico de Walter Benjamin (1985), que, tendo como foco o estudo do conceito de história, afirma que “Nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido” (BENJAMIN, 1985, p. 14).

Na afirmação de Benjamin, reiteramos a importância que obras como as de Gonçalves e de Morrison têm ao retomar, em suas narrativas, alguns pontos que, de fato, não podem ser considerados perdidos. Isso abrange as questões que envolvem a poligamia não oficial, a segregação e as questões que, em uma leitura mais detalhada, envolvem as

mulheres e o seu universo num contexto macro, em que elas não sejam excluídas pela raça e por seu gênero. O seu universo não tão cor de rosa quanto se possa imaginar deve passar a ser digno de ser compreendido, ampliado, ressignificado e respeitado, mediante suas necessidades sócio-políticas e culturais.

As personagens Kehinde e Florens, de *Um defeito de cor* e *Compaixão*, respectivamente, estão buscando dar vazão justamente ao retrato dos sujeitos advindos do jugo colonial e dos atravessamentos causados pela diáspora, marcando e sustentando ainda mais o conceito cunhado por Benjamin. Estando os colonizados e os sujeitos diaspóricos sob o signo da subalternidade e da minoria, eles permanecem na história e deixam as pegadas de seus passos e experiências nela registradas, trazendo consigo uma necessidade urgente de se encontrar, de se sentir assim “reterritorializados”. Podem, dessa forma, posicionar criticamente a sua voz, uma vez que essa voz será revelada pelos escritores que assumem o compromisso e o desejo de desenterrar parte daquilo que foi vivido pelo seu povo, tirando do silenciamento as vozes de uma nação ou coletividade que fala por “si mesma” e que não se mantém mais calada e surda com medo dos opressores. É uma voz que grita e expõe as histórias que foram recortadas na encruzilhada da hibridização e que serão recontadas agora sob um outro viés, que não mais apenas o do dominador e que poderá dar conta das diferenças tão comuns e inerentes aos processos diaspóricos e hibridizados.

Esse olhar voltado para as diferenças tem sido também foco de estudo da autora indiana Gayatri Chakravorty Spivak (2010), uma das estudiosas que considera e pondera sobre a subalternidade e sobre o papel do subalterno. Spivak estuda o papel das minorias no contexto atual e tem sido apontada como uma das teóricas fundamentais ao se referir às produções feitas por essas classes. O questionamento de Spivak sobre o papel e o lugar do subalterno faz parte da discussão

de uma de suas obras, *Pode o subalterno falar?*, e nos leva a refletir sob o viés apresentado pela (im)possibilidade de fala desse subalterno, no intuito de que envolve questões de ordem política, bem como as que envolvem a dificuldade encontrada pela língua.

Spivak apresenta a questão da necessidade de autonomia dessas minorias, nos mostrando estar além do mundo monolítico desejado pelos colonialistas, ultrapassando essas fronteiras ao nos mostrar o sujeito heterogêneo, o Outro.

Outro ainda sem lugar, um Outro advindo justamente de seu ex-lugar, um Outro que vive justamente no “in betweenness” e que dialoga com o ser não pertencente apontado por Homi Bhabha, e que, de certa forma, foi fragmentado pelo processo de deslocamento sofrido e causado pela hibridização, assim como o foi também pela resistência ao novo (BHABHA, 2003, p. 89).

Retomando Bhabha (2003), podemos ainda afirmar que

o hibridismo é uma ameaça à autoridade cultural e colonial, subvertendo o conceito de origem ou identidade pura da autoridade dominante através da ambivalência criada pela negação, variação, repetição e deslocamento. É também uma ameaça porque é imprevisível (BHABHA, 2003, p. 31).

O hibridismo cultural, segundo Bhabha, pode ser considerado/tratado como uma “mera troca cultural, que sublinhava a desigualdade inerente às relações de poder e enfatizava as políticas de assimilação através do mascaramento das diferenças culturais (BHABHA, 2003, p. 36). No entanto, Bhabha elucida que

o hibridismo registra um momento ativo de desafio e resistência contra o poder colonial dominante [...] negando à cultura imperialista imposta a autoridade

conseguida pela violência e a alegação de autenticidade (BHABHA, 2003, p. 23).

Dessa maneira, entendemos que consequentemente o hibridismo é o lugar em que se realiza a diferença cultural, em que se dão as trocas culturais na esteira de contrariedade e não de submissão. O terceiro espaço da enunciação é extremamente relevante para as novas práticas sociais, culturais que vão abrir as portas para o novo trazido por novas identidades que foram sendo formadas dentro desse espaço de trocas, de negociação, em que o contra-discurso foi sendo inserido gradativamente, pois a relação com o Outro se faz necessária para a afirmação da diferença cultural.

É na negociação intercultural por meio do diálogo que a submissão se distancia, já que as novas práticas sociais serão entabuladas a partir da inserção de novos traços culturais e da extirpação de alguns dos que já existiam nas culturas que foram sendo hibridizadas, apresentando como resultado do encontro de várias culturas uma nova, que ainda está a florescer.

É a junção híbrida em que o velho se encontra com o novo, que as tradições orais, com todas as suas histórias, podem ser vislumbradas e ainda passadas de um a outro, pois por mais que elas tenham sido hibridizadas desde o processo colonial até os dias de hoje, são elas, as tradições orais, que mantêm ainda vínculos identitários com os seus referenciais culturais. Elas funcionam como patrimônios e, como tais, são merecedoras de serem estudadas e esmiuçadas sob um olhar que busca por traços antigos e que tem como intento revelar os traços modificados e que deram origem a um outro, o modificado, o entrecruzado, o hibridizado.

Bhabha explica ainda que, no interstício entre significante e significado, considerando o contexto sócio-histórico e ideológico do usuário da linguagem (o lócus da enunciação), se pode ter a visibilidade do hibridismo que originou o

terceiro espaço, um espaço de trocas e de permutas entre as culturas em questão.

O autor apresenta ainda três pontos importantes na construção das culturas que se encontram nesse terceiro espaço, apontado por ele também como sendo o “entrelugar”, o lugar criado “entre o ver e o interpretar”. O primeiro seria a afirmação de que é necessário “existir para ir em direção a e ter uma relação de desejo para com a alteridade, um outro extremo”, o que significa ter a necessidade de se conhecer como agente modificador, não apenas modificado. O segundo ponto apontado por Bhabha diz respeito ao que ele chamou de “desejo de cisão”, que partiria da parte do colonizado ao almejar uma posição de superioridade em relação ao colonizador sem se desligar de sua condição de colonizado. O terceiro aponta para a “construção de uma identidade própria”, um projeto em que o indivíduo possa perceber que está sofrendo modificações que advêm da hibridização, comum aos movimentos diaspóricos, mas que não impedem que apareça uma nova identidade para ele. É como se houvesse uma máscara que marca o limiar entre o real e o desejado para essa nova identidade, uma espécie de pele e de segunda pele, porém, ambas não podem e não têm como ser separadas ou camufladas, pois elas coexistem em uma dependência inegável e incontestável.

Bhabha pondera ainda a respeito do fato de que a negação do processo de hibridização e a tentativa de homogeneidade estariam, obrigatoriamente, abafando as diferenças que vão surgindo nesse ambiente de negociação, no ambiente do “terceiro espaço” já explicado anteriormente, sendo que é justamente aí o lugar em que as minorias se encontram e que refletem uma posição mais crítica, lugar em que os questionamentos vão surgindo, advindos da diáspora, que, por sua vez, nos remeteria, segundo ele, imediatamente à memória. A memória nos levaria a uma mudança cultural, que foi desencadeada por esse “ir” e “vir” diaspórico, ou seja,

a busca pela homogeneidade seria, na verdade, uma tentativa de apagamento das diferenças, fato esse que impediria toda e qualquer forma em que a voz dessa minoria oriunda da hibridização fosse ouvida, levando-a ao silenciamento mais uma vez e, quem sabe, ao apagamento.

Bhabha reitera o seu pensamento ao afirmar que o hibridismo não poderia deixar de registrar o momento desafiador e de resistência contra o dominador, no caso, o colonizador, e o espaço ambivalente e contraditório em que se deram as negociações culturais apontadas por ele como o hibridismo, em que se realizam as diferenças culturais que surgem das trocas e das negociações desencadeadas entre a contrariedade e a submissão.

Residem no “terceiro espaço” ou no “entre-lugar” apontado por Bhabha as possibilidades de serem abertas as portas para uma enunciação extremamente relevante e diferente para as novas práticas sociais e culturais. Tais práticas vão se deparar com o novo e com o que foi trazido pela nova identidade, formada dentro desse espaço de trocas, de negociação, em que o contradiscurso das minorias foi inserido gradativa e constantemente. A consequência é a saída do silenciamento e do emudecimento para ser ouvido, possibilitando que seus ecos também cruzem as fronteiras da hibridização.

Muitos são os autores conhecidos por estudar os assuntos referentes aos grupos de minorias que passaram e ainda passam pelo deslocamento, pelos questionamentos que os inserem no chamado “in-betweenness” ou “entre-lugar” descrito por Bhabha. Esses teóricos nos apresentam as teorias que conferem aos grupos minoritários legitimidade e vão conseguindo, assim, se debruçar com uma maior atenção sobre cada tipo de produção aparente nesses espaços e que ainda se encontra em fase de enraizamento.

O sujeito pós-colonial apontado por Bhabha ocupa esse “entre-lugar”, que pode ser definido como o espaço intersticial de tensões de poder que “são atravessadas por questões de raça (e miscigenação), classe, gênero e sexualidade” (BHABHA, 2003, p. 74). É justamente essa necessidade de viver que leva grande parte dos escritores pós-coloniais a buscar o soterrado no passado, o escondido na memória do esquecimento e que ainda mantém um vínculo com o presente, fato que realmente o desloca da nostalgia ou do mero fato de se desejar ter conhecimento sobre as raízes, pois a necessidade é real e não apenas nostálgica.

Hall, ao se referir ainda às experiências da diáspora, afirma que

A experiência da diáspora como a intenciono aqui é definida não pela essência ou pureza, mas pelo reconhecimento de uma diversidade e de uma heterogeneidades necessárias; por uma concepção de ‘identidade’ que vive com e através, não a despeito, da diferença; pelo hibridismo. As identidades diaspóricas são aquelas que estão constante e renovadamente se produzindo e se reproduzindo, através da transformação e da diferença (HALL, 2000, p. 401-2).

A definição de Hall sobre a experiência da diáspora aliada à de Bhabha sobre o espaço intersticial de tensões de poder que é ocupado pelo ser fragmentado e que é totalmente atravessado pelo processo de hibridização é ilustrada, na citação abaixo. Nela, percebemos as diferentes concepções de ruptura sentidas pela personagem Lina, a escrava mais velha da casa e que tomou Florens como filha quando ela chegou à fazenda, mostrando claramente essa concepção de “identidade que vive com e através” da diferença marcada pela hibridização:

Lina tinha se apaixonado por ela imediatamente, assim que a viu tremendo na neve. Uma criança de

pescoço comprido, assustada, que não falava havia semanas mas quando falou sua voz leve, melodiosa era adorável de se ouvir. De alguma forma, de algum jeito, a criança aplacou a minúscula porém eterna ânsia de lar que Lina um dia conhecera, onde todo mundo tinha qualquer coisa e ninguém tinha tudo. Talvez a própria esterilidade atilasse essa devoção. De qualquer modo, queria protegê-la, mantê-la longe da corrupção tão natural a alguém como Sorrow e, mais recentemente, estava decidida a ser uma muralha entre ela e o ferreiro (MORRISON, 2009, p. 60).

A necessidade e a busca pelo pertencimento são inerentemente marcadas pelas perdas tidas pela personagem, uma vez que a “eterna ânsia de lar que Lina um dia conhecera, onde todo mundo tinha qualquer coisa e ninguém tinha tudo”, e pela sensação de desterritorialização, conforme confirmamos no trecho, quando ela se lembra com pesar o que havia sido em sua própria vida que já existe apenas em suas lembranças:

A vergonha por ter sobrevivido à destruição de suas famílias diminuiu com seu voto de nunca trair nem abandonar ninguém que estimasse. As lembranças de sua aldeia povoada por mortos aos poucos viraram cinzas e em seu lugar brotou uma única imagem. Fogo. Que rápido. Com que determinação ele devorava o que tinha sido construído, o que tinha sido vida (MORRISON, 2009, p. 49).

Marcelo Cruz Dalcon Júnior (2013), ao se referir a esse processo de desterritorialização, reitera o pensamento apresentado por Walter (2009):

que a existência diaspórica designa um entrelugar, caracterizado por desterritorialização e reterritorialização, e a implícita tensão entre a vida aqui e tanto a memória quanto o desejo por lá. Kehinde, por conta das suas mobilidades e travessias,

passou a ter uma múltipla consciência e um olhar caracterizados pelo difícil diálogo entre os mais variados costumes e maneiras de pensar a que fora submetida (DALCON JUNIOR, 2013, p. 77).

Kehinde é incisiva em sua relação com o sentimento desencadeado pela mobilidade e pela travessia e podemos nitidamente ler isso nas entrelinhas de sua memória quando ela diz:

Para os brancos fiquei sendo Luísa, Luísa Gama, mas sempre me considerei Kehinde. O nome que a minha mãe e a minha avó me deram e que era reconhecido pelos voduns, por Nana, por Xangô, por Oxum, pelos Ibêjis e principalmente pela Taiwo. Mesmo quando adotei o nome de Luísa por ser conveniente, era como Kehinde que eu me apresentava ao sagrado e ao secreto (GONÇALVES, 2010, p. 73).

Essa concepção de 'identidade' que vive com e através, não a despeito da diferença, pelo hibridismo, apontada por Hall é evidenciada quando lemos sobre uma outra personagem de *Compaixão*.

Também confirmamos o mesmo tipo de sentimento quando Kehinde diz que: "Mesmo quando adotei o nome de Luísa por ser conveniente, era como Kehinde que eu me apresentava ao sagrado e ao secreto" (GONÇALVES, 2006, p. 764). É extremamente latente a presença do entre-lugar apresentada pelas duas personagens e que confere a ambas a sensação de busca do próprio pertencimento, pois nas duas vozes conseguimos ler um não contentamento, uma espécie de aceitação forçada mediante a condição que foi imposta para as duas personagens, mas que efetivamente podem ainda buscar e encontrar o sentimento de reterritorialização.

Acreditamos que os traços apresentados pelas duas escritoras em suas obras conferem a elas evidências das consequências que foram deixadas pelas marcas do deslocamento forçado, pela diáspora. São marcas que, de forma contí-

nua, são trazidas dos escombros mnemônicos para a ficção, reportando aos leitores percursos importantes traçados pela memória coletiva e evidenciados pelas duas autoras.

Ao tratarmos dos deslocamentos poderíamos dizer que, uma vez deslocada de sua origem ou terra natal, a pessoa tem uma necessidade iminente de transitar entre todos os lugares pelos quais tem acesso, num conflitante ir e vir que dentro de si mesma não pode ser preenchido, tamanha falta de pertencimento que enfrenta no estrangeiro, aquele lugar que nunca foi seu, que nunca lhe pertenceu.

Kehinde, Florens, Lina, Sorrow assentam traços que evidenciam essa sensação de perda e de ausência identitária. Cada uma a seu modo perdeu o vínculo existencial com suas origens de forma brusca e forçada, mas ainda sente a necessidade do reencontro, tal qual lemos a seguir na fala de Kehinde:

mudar de fase, mudar de lugar como se isso representasse um novo começo, em que as esperanças se renovam. E ainda completa: sempre fui assim [...] poder começar de novo, em outro lugar, com outras pessoas, com novos planos é algo que não recuso nunca (GONÇALVES, 2014, p. 719).

A protagonista de *Um defeito de cor* não abre mão das possibilidades de haver sempre um recomeço, uma nova esperança, e o que podemos perceber é que são essas esperanças que motivam a sua trajetória na busca pelo filho perdido ainda na infância. A mudança de fase e de lugar apresentada por ela é contemplada na obra mediante os vários deslocamentos de lugares e de mudança de status social também, pois de um lugar a outro em busca de seu filho, Kehinde vai se fortalecendo enquanto comerciante e tem suas esperanças mantidas e sentidas como possíveis de serem realizadas.

No caso da personagem, quando ela diz “mudar de fase, mudar de lugar **como se isso** representasse um novo começo”, o **como se isso** nos transporta diretamente à afirmação de Brah (1996) sobre “a existência diaspórica, que designa um entre-lugar caracterizado pela desterritorialização e reterritorialização, bem como pela implícita tensão entre a vida aqui e a memória e o desejo pelo lá” que reúne “as experiências de separação e entrelaçamento, de viver aqui e lembrar/desejar outro lugar” (BRAH, 1996, p. 180). Mesmo tentando ter esperanças de renovação, essa intenção não é tão certa e segura como deveria ser.

Florens também é desprovida da noção de pertencimento e desse sentimento de desterritorialização apontado acima e pode ser bem vista por um outro viés, a do abandono e da falta de certezas sobre o que teria levado a personagem a ser dada pela própria mãe como pagamento de uma dívida a seu senhor. Primeiramente, a personagem sofre a perda do amor da mãe, para ela incompreensível e mais à frente, no decorrer da narrativa, Florens se depara com uma outra perda que lhe nega novamente o amor, a ausência total de pertencimento:

O Senhor não vai pagar a quantia toda que deve para o patrão. O Patrão dizendo que aceita então a mulher e a menina, não o bebê menino, e a dívida acaba. A minha mãe implora que não. O bebê é ainda de peito. Leve a menina, ela diz, minha filha, ela diz. Eu. Eu. O Patrão aceita e muda quanto é devido. Assim que a folha de tabaco está pendurada para secar, o reverendo padre me leva numa balsa, depois num brigue, depois num barco e me acomoda no meio das caixas de livros e comida dele (MORRISON, 2009, p. 11, Grifos nos-
sos).

Nesse momento, Florens é totalmente desprovida de seu lar, de sua certeza de ser e de pertencer a alguém, nesse caso à mãe, que representa a proteção, o abrigo e um lugar, a casa onde morava com ela. Mais à frente, ela é novamente

expulsa da vida do homem que amava e a quem havia dedicado o seu amor e sua confiança, e não entende o que acontece, mas tem certeza que a mesma cena se repete:

De joelhos eu vou para você. Rastejo até você. Você recua e diz que fique longe de mim. Eu tenho um choque. Quer dizer que eu não sou nada para você? Que não tenho nenhuma importância no seu mundo? Meu rosto ausente da água azul você encontra só para esmagar? Agora estou vivendo a morte por dentro. Não. Não de novo. Nunca (MORRISON, 2009, p. 133, Grifos nossos).

É visível o mesmo sentimento de desterritorialização no trecho acima. A personagem, ao nos dizer estar **vivendo a morte por dentro**, nos assusta com o tom avaliativo do sentimento de desapropriação de si mesma e mais ainda ao completar essa ideia, o ato que lhe dói ao reafirmar que essa sensação já havia sido sentida por ela quando diz “Não. Não de novo”.

Podemos afirmar que, em virtude desse estranhamento, desse sofrer, dessa consciência dolorosa da perda de algo que lhes era caro, as duas personagens podem ser caracterizadas como uma representação clara da consequência da diáspora africana. As autoras se valem de suas personagens e conseguem passar para a escrita toda a dor da falta de pertença, assim como a falta que a mesma desencadeia em suas personagens.

Bhabha nos alerta sobre o fato de que, na movimentação diaspórica, os sujeitos “sem-lar”, os sujeitos desse estranhamento, desse sofrer, dessa consciência dolorosa da perda de algo que lhes era caro passam a ser na verdade os agentes de modificação diante da experiência transnacional pela qual são forçados a passar:

os estranhos efeitos literários e sociais da acomodação social forçada e a angústia do

deslocamento cultural e movimentação diaspórica”, o qual contemporaneamente se tornou um lugar pós-colonial. Apresentando o lar, o romance retrata também a experiência transnacional ou pós-colonial dos “sem-lar” [*unhomely*] ou das pessoas diaspóricas (BHABHA, 2003, p. 144).

Antonio Candido, ao escrever o seu ensaio *O direito à literatura* em 1988, deixou claro o papel que a literatura assume em uma sociedade, pois para o autor a literatura contribui concretamente para a melhoria das condições de vida social e emocional dos indivíduos, e complementa ainda que a literatura não é inofensiva, jamais o será, pois ela representa e modifica a própria vida. Segundo ele “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 1995, p. 175).

Para o autor, a literatura não corrompe e muito menos edifica um indivíduo. Ela, na verdade, mostra e amplia os retratos sociais que são delineados sob as forças do bem e do mal. A literatura humaniza o indivíduo no intuito de que, ao defrontá-lo com as representações do dia a dia, tais quais são, o coloca diante da vida, fazendo-o de fato viver, analisar e refletir sobre os fatos, questionando-os criticamente.

Acreditamos que tanto Gonçalves quanto Morrison estão engajadas com esse tipo de produção literária que humaniza, que propicia formas em que os problemas possam ser vividos dialeticamente, especialmente ao tratarmos de situações que envolvem os *unhomely* ou os *sem lar*.

Considerações finais

Podemos constatar que as duas escritoras conseguem, através de suas narrativas, trazer à tona questões que pode-

riam pertencer a um passado, à escravidão, à segregação, à violência, à submissão feminina, entre tantos outros, porém, elas fazem desses assuntos temas recorrentes em suas obras. Na verdade, tanto Gonçalves quanto Morrison indagam ao seu leitor até que ponto pode um homem viver sem ir buscar em suas raízes explicações que o levem a entender a sua existência. As memórias são usadas o tempo todo nas duas narrativas e é através delas que vamos conhecendo um pouco mais sobre o imenso universo feminino aberto e alicerçado sobre a base da hibridização e sobre a diáspora.

Os dois romances mostram-se bastante entrelaçados se olharmos para ambos e percebermos que eles vão buscar, através das memórias e das histórias vividas, contadas e representadas, de uma forma direta e objetiva para revelar mundos até então um tanto quanto obscuros para o leitor quando nos referimos a um passado que na verdade ecoa ainda no presente. Quando buscamos respostas no hoje, mas não as encontramos e precisamos mergulhar profundamente no mais denso e amplo mundo das lembranças passadas para tentar entender o hoje e o próprio devir.

Gonçalves e Morrison têm muito em comum, ambas vão buscar respostas e explicações para tantas disparidades e dúvidas oriundas da pós-colonialidade e transitam pelo mundo da magia das culturas que foram hibridizadas e permutadas. Essa é uma das características de criação das duas e que acreditamos que consegue conferir às duas um lugar de destaque na literatura, pois ambas se fazem valer de uma linguagem extremamente poética para revelar em seus romances registros que representam histórias de sua própria existência. Tendem, com certeza, a levar os seus leitores a entender o que Benjamin (1985) quis dizer com a seguinte indagação “Não existem nas vozes que escutamos ecos de vozes que emudeceram?” (BENJAMIN, 1985, p. 223).

Quantas Florens, Linas, Sorrows foram representadas na voz das personagens construídas por Morrison? Quantas

Kehindes ou Luizas tiveram a possibilidade de ter suas histórias trazidas à tona a fim de elucidar e até mesmo tentar entender todas as mudanças pelas quais os negros passaram e continuam passando, os sujeitos racializados que ainda vivem às margens e são tidos como uma representação de minoria.

Percebemos que Gonçalves e Morrison fazem parte de um quadro seleto de escritoras, em que não existem meias palavras e muito menos meias verdades, pois as duas usam de seu bem maior, que é o dom de escrever para suscitar em nós, leitores, uma reflexão que ultrapassa as barreiras do tempo e da modernidade, pois vai além, vai buscar no passado ainda presentificado algumas respostas ou possíveis elucidações para o não compreendido ainda, no caso, as sequelas deixadas pela diáspora e pelos processos de hibridização que afetaram abruptamente a identidade do negro.

Essas questões estão muito ligadas às identidades culturais. Segundo Hall (2000), as "Identidades são construídas através, e não fora, da diferença. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador que o reconhecimento é realizado apenas através da relação com o Outro" (HALL, 2000, p. 74). É esse reconhecimento perturbador que motiva as escritoras a construir suas personagens com tanto vigor e coragem. Personagens que extrapolam as suas atitudes, enfrentando o medo e desafiando o sistema padrão, perpassando as fronteiras do inimaginável, pois quando estamos imersos nas duas narrativas podemos claramente inferir muito acerca de todas as histórias que vão sendo retomadas via personagens, centenas delas em *Um defeito de cor* e muitas também em *Compaixão*.

É nessas diferenças apontadas por Hall e reconhecidas pelo outro que as personagens encontram estímulo e buscam de formas diferentes uma forma de contestar, de mudar o que se tem como certo e inalterável. Acreditamos que o homem pós-colonial se alimenta e se nutre das diferenças e são

elas mais vistas e salientadas justamente no lugar em que as vozes das minorias são entrelaçadas e entrecortadas por discursos que pregam e desejam a homogeneidade.

Acreditamos que as obras das duas escritoras usam a literatura produzida por elas para mostrar ao mundo os elementos heterogêneos ou disparatados que envolvem as suas culturas, afrodescendentes, no caso a brasileira e a estadunidense, e que, mesmo tendo formas de cultura diferentes, criam algo novo, singular, uma produção diferente, significativa e que conduz o leitor à reflexão e ao pensamento crítico.

A literatura produzida por essas escritoras reflete a mistura de diversos traços culturais, que, ao longo do tempo, foram sendo hibridizados e que ainda continuam a sê-lo nos diversos espaços diaspóricos que são contínua e ininterruptamente hibridizados em um ir e vir constante.

Gonçalves e Morrison transitam por assuntos totalmente reflexivos, como, por exemplo, a questão da diáspora, da hibridização, da identidade feminina, das memórias. Essa diversidade de assuntos críticos e teóricos que são recorrentes nas produções das duas escritoras inserem-nas em um contexto único, o contexto em que elas conseguem de fato empoderar as suas personagens para que sejam vistas como possíveis modelos instigadores e propulsores de uma mudança que pode ser capaz de transgredir os limites estabelecidos pelas fronteiras políticas e sociais e pelas limitações de viverem inseridas ainda no diminuto mundo conferido aos marginalizados, aos que ainda respiram os ares do periférico.

Referências

AFONSO, Maria Fernanda. *O conto moçambicano — Escritas pós-coloniais*. Lisboa: Caminho, 2004.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221. (Obras escolhidas, v. I)

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

BRAH, Avtar. *Cartographies of Diaspora: Contesting Identities*. London/ New York: Routledge, 1996.

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura; O esquema de machado de Assis*. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CHAVES, Rita. *A formação do romance angolano: entre intenções e gestos*. São Paulo: FBLP, 2005.

CLIFFORD, James. *Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century*. Cambridge: Harvard UP, 1994.

GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

HALL, S.A. *Da Diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Humanitas, 2000.

LEITE, Ana Mafalda. *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais*. Lisboa: Colibri, 2003.

MORRISON, Toni. *Compaixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

WALTER, Roland. *Afro América: Diálogos Literários na Diáspora Negra das Américas*. Coleção Letras. Bagaço, 2009.

SPIVAK, G. C. (2010). *Pode o Subalterno Falar?* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

Webiografia

http://www.ppgel.uneb.br/wp/wp-content/uploads/2013/06/dalcom_marcelo.pdf

http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308341047_ARQUIVO_CONLABMAGNALDOOLIVEIRADOSSANTOS.pdf

[Recebido: 21 fev. 2016 — Aceito: 11 mai. 2016]